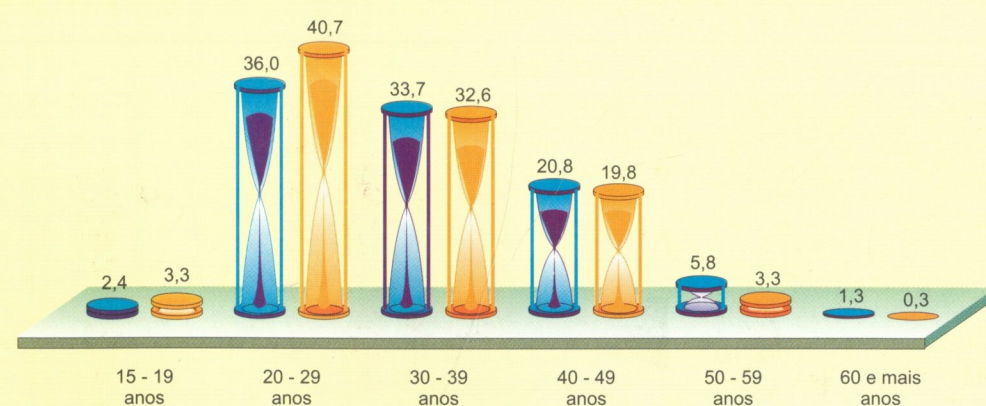
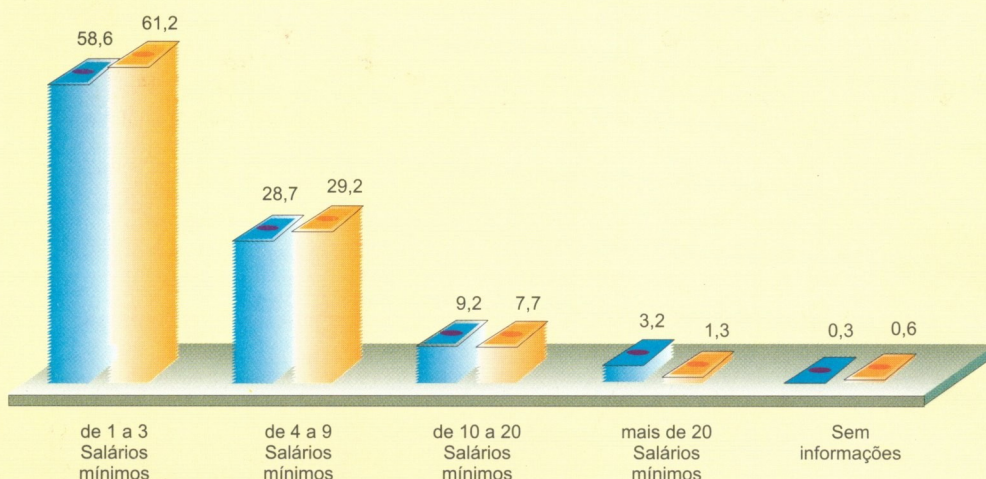


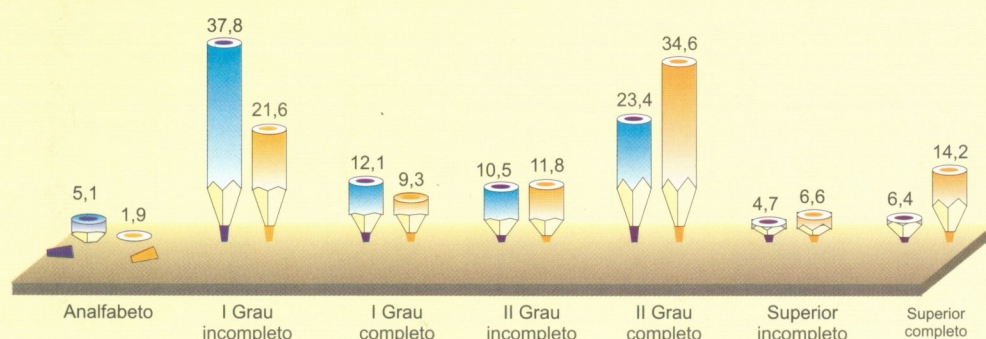
Faixa etária (%)



Renda mensal (%)

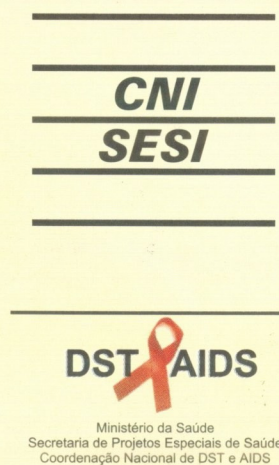


Escolaridade (%)



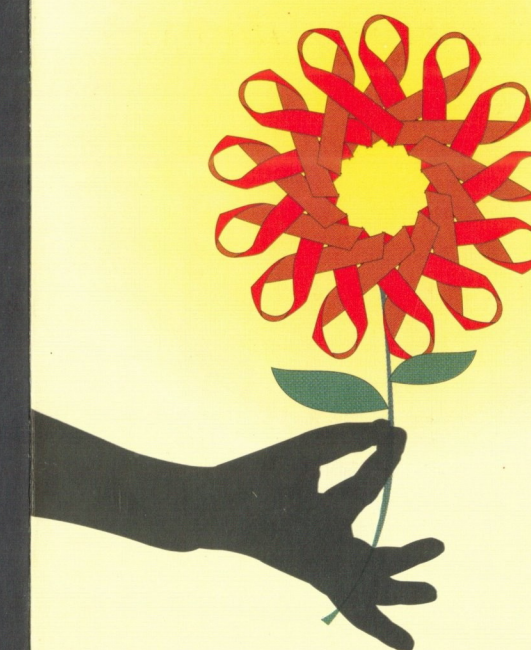
Os dados da pesquisa **DST/AIDS no Local de Trabalho: um estudo sobre conhecimentos, atitudes e práticas nas empresas trabalhadas pelo SESI** apontam para uma série de desafios que o Serviço Social da Indústria se propõe a enfrentar, apoiado em programa pedagógico específico.

Com abordagem que permite ao trabalhador assumir-se como agente da própria história, o programa pretende reparar falsas concepções e lacunas de conhecimento em relação às DST/AIDS. E, além disso, na medida em que garante a cada sujeito trabalhar despreconceituosamente a própria subjetividade, espera criar condições para que o trabalhador sinta-se parte de realidade social em que a AIDS se faz presente, assumindo comportamentos seguros e não discriminatórios.



SESI/Departamento Nacional
SBN - Quadra 1 - Bloco C - 10º andar
70040-903 - Ed. Roberto Simonsen
Brasília - DF - Brasil
Fone: (061) 317-9222 • 317-9050
Fax: (061) 317-9323

DST/AIDS no local de trabalho



Comprometido em usar serviços voltados à melhoria da qualidade de vida de sua clientela, o Serviço Social da Indústria - estimulando a responsabilidade social da empresa, realiza ações nos campos da educação, saúde, lazer e cooperação social para trabalhadores da indústria, da comunicação e da pesca.

Na área da saúde, vem executando, desde 1989, um programa preventivo às doenças sexualmente transmissíveis, com ênfase particular na AIDS.

Em 1996, numa parceria com o Ministério da Saúde, Coordenação Nacional DST/AIDS, desenvolveu pesquisa que investigou conhecimentos, atitudes e práticas dos trabalhadores da indústria nacional sobre as DST/AIDS.

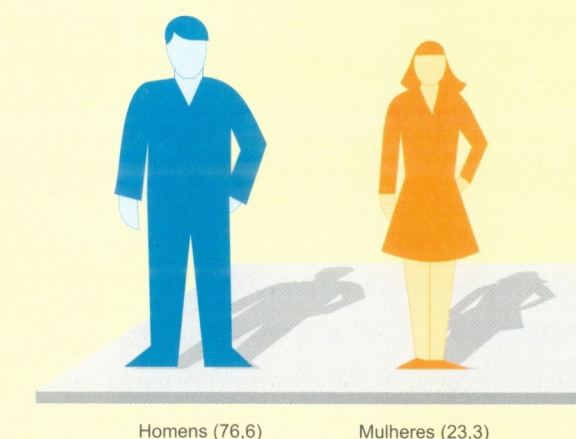
A partir dos resultados deste estudo, o SESI vem trabalhando para que cada industrial tenha acesso à competente e adequada informação sobre as DST/AIDS e que, além disto, adote em sua vida cotidiana, práticas seguras e não discriminatórias em relação a elas.

Perfil Sócio-Demográfico

A população do estudo foi composta por 492 empresas e 238.029 trabalhadores, procedentes dos estados do Amazonas, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul.

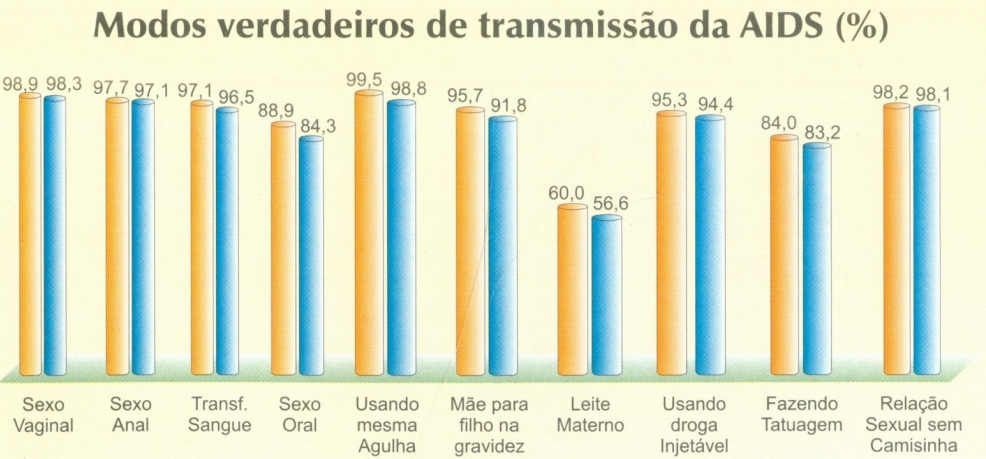
A amostra da pesquisa inclui 4893 trabalhadores vinculados a 121 empresas. Embora distribuídos por 11 ramos de atividades, 75% destes profissionais dedicam-se à construção civil, alimentos/bebidas, eletro-metalúrgica, química/plásticos e telecomunicações/correios.

Sexo (%)

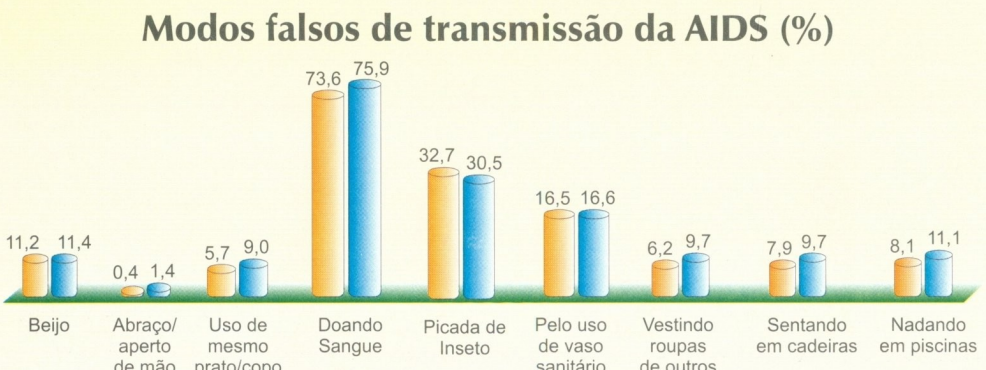


Um estudo sobre conhecimentos, atitudes e práticas nas empresas trabalhadas pelo SESI

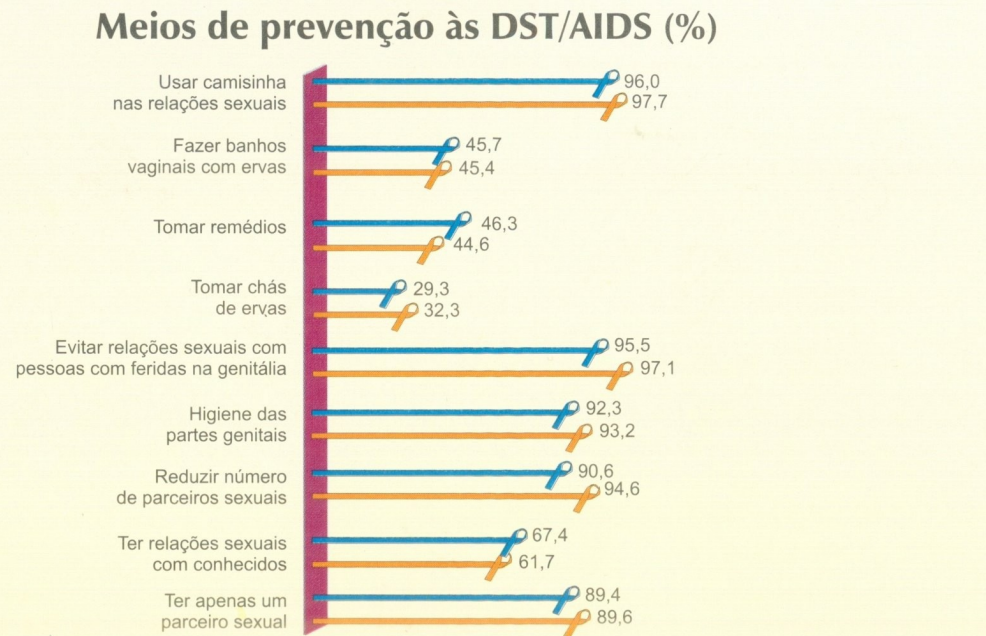
Modos de Transmissão e Prevenção às DST/AIDS



Os trabalhadores reconhecem a fase assintomática da AIDS e sabem que neste período existe a possibilidade de transmissão do vírus.

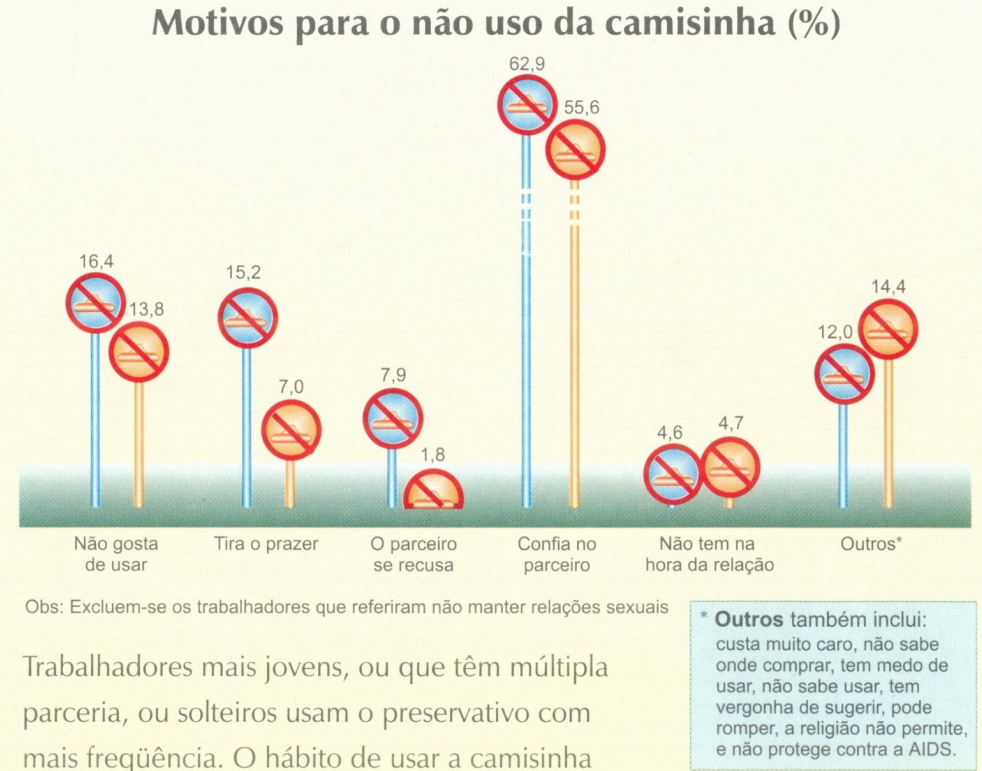
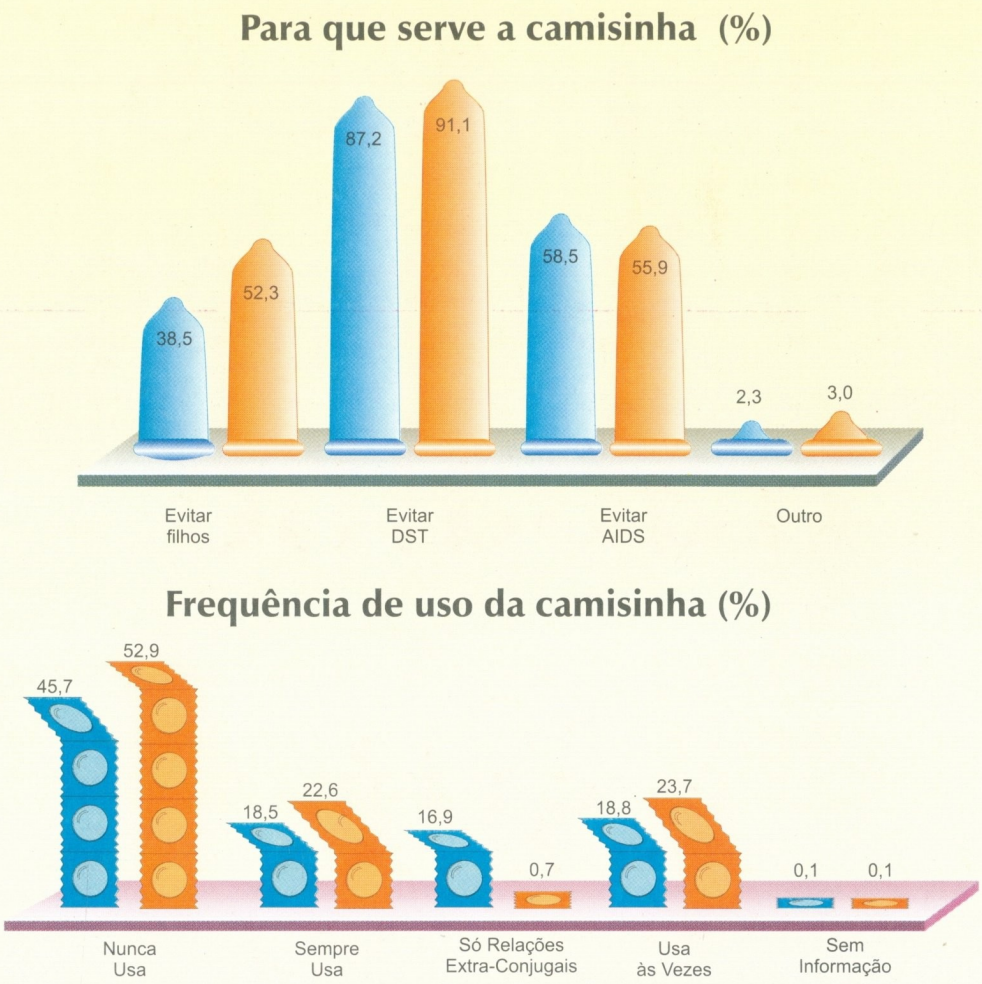


Entre os trabalhadores persistem crenças incompatíveis com o atual conhecimento disponível em relação às DST/AIDS, que perpassam os estratos sociais. Alguns padrões culturais resistem até mesmo ao grau de escolaridade.



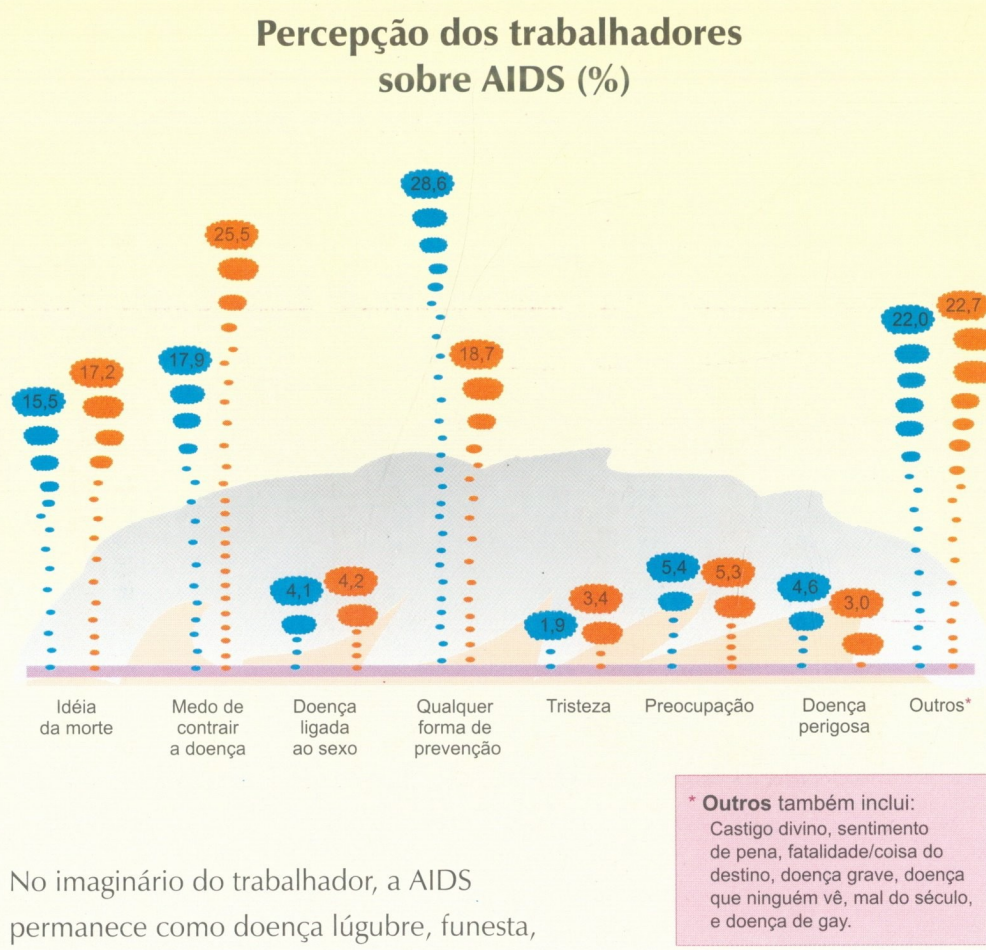
Expressiva maioria de trabalhadores (96%) reconhece a camisinha como meio de prevenção às DST/AIDS, no entanto, pequena parcela declara frequência no uso. O percentual de trabalhadores que diz ter alterado seu comportamento ou prática sexual por causa da AIDS ainda é pouco significativo.

Camisinha - Uso e não Uso

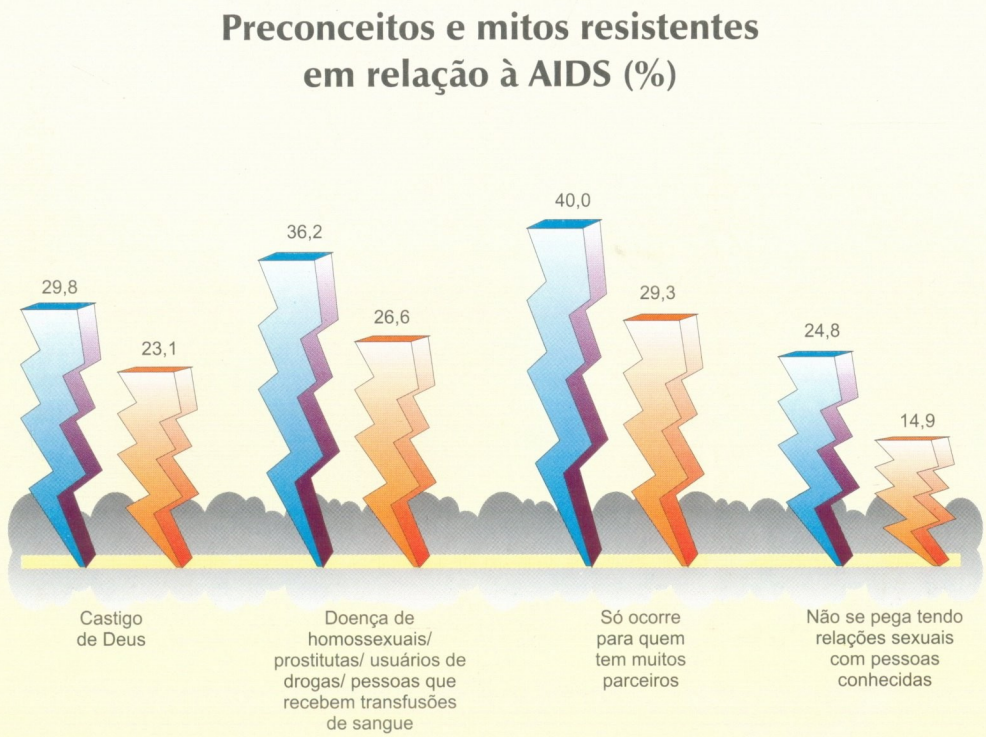


Trabalhadores mais jovens, ou que têm múltipla parceria, ou solteiros usam o preservativo com mais frequência. O hábito de usar a camisinha é pouco influenciado pelo grau de escolaridade. A principal razão apontada por homens e mulheres para justificar o não uso da camisinha é o grau de confiança no parceiro, seguida daquela em que informa não gostar de usar. Homens e mulheres reconhecem que, na hora da relação sexual, a responsabilidade de lembrar o uso do preservativo cabe aos dois.

Percepção e Representações da AIDS

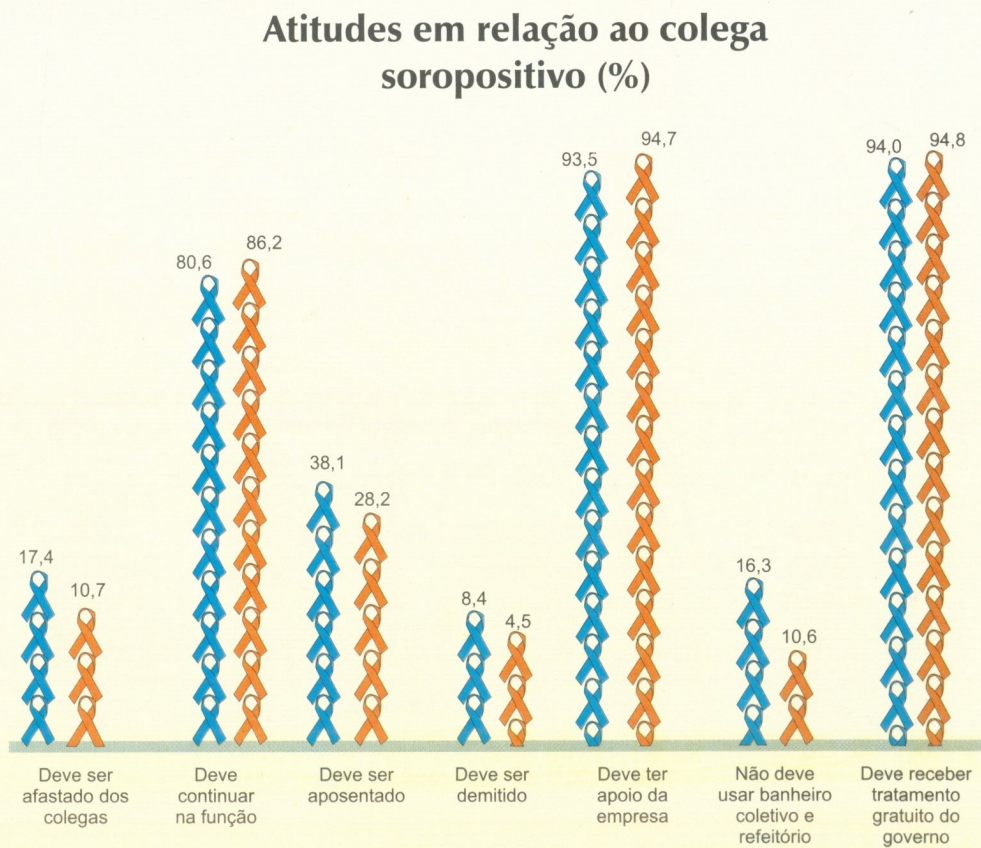
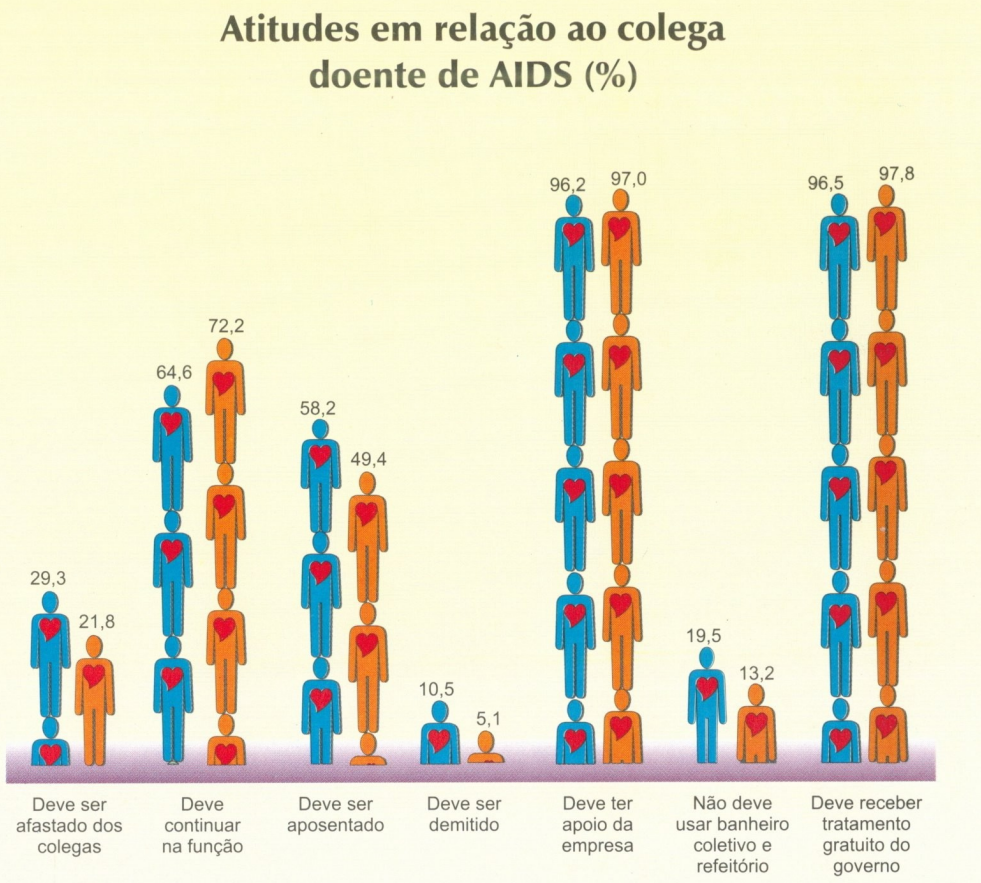


No imaginário do trabalhador, a AIDS permanece como doença lúgubre, funesta, deprimente, dolorosa, estigmatizante.



Ainda existe entre a população de trabalhadores, sobretudo entre os homens, muitos preconceitos e mitos em relação à AIDS. A maioria dos trabalhadores entrevistados percebe seu risco de contrair o vírus como sendo pequeno ou nulo. No grupo dos que têm múltipla parceria este percentual é superior a 55%.

Atitudes em Relação ao Colega de Trabalho



Trabalhadores acreditam que o convívio com o colega doente de AIDS é mais arriscado do que com o portador assintomático. Trabalhadores afirmam que governo e empresa devem dar apoio ao colega doente ou soropositivo, cabendo ao poder público assegurar a gratuidade do tratamento.